

FRANCIS BACON

Ocorreu o nascimento de Bacon a 22 de janeiro de 1561, em York House, Londres, residência de seu pai Nicholas Bacon, que nos primeiros vinte anos do reino de Elisabeth fora o Guarda do Grande Selo.

Francis Bacon subiu sem que o puxassem para cima, mas a ascensão de cada degrau exigiu muitos anos. Em 1583 foi eleito para o Parlamento; tinha eloquência vigorosa e pronta nos debates e era orador sem oratória.

Sua insaciável ambição não lhe dava tréguas; estava sempre descontente e sempre despendia, adiantadamente, os rendimentos de um ano. Quando se casou, na idade de quarenta e oito anos, a opulência dispendiosa da cerimônia deu grande rombo no dote da noiva. Em 1598 foi preso por dívida. Mesmo assim continuou a subir. Suas aptidões e conhecimentos quase ilimitados tornavam-no membro de valor em qualquer junta importante; gradativamente abriam-se-lhe as portas dos mais altos cargos; em 1606 foi nomeado Solicitador Geral; em 1618, na idade de cinquenta e sete anos, chegou, afinal, ao posto de Lord Chancellor.

Os *ensaio*s – Sua ascensão ao poder parecia realizar o sonho platônico de um filósofo-rei, pois, paralelamente, à sua elevação ao poder político, Bacon subiu às culminâncias da filosofia. Sua mais bela produção literária, os *Ensaio*s, mostram-no ainda hesitante entre dois amores – a política e a filosofia.

A política dos Ensaio s prega um conservantismo natural em quem aspirava ao governo. Bacon desejava que existisse um forte poder central. A monarquia é a melhor forma de governo.

É militarista confesso. A melhor receita para se evitarem revoluções é a distribuição eqüitativa da riqueza; mas isto não implica socialismo ou mesmo democracia. O que Bacon deseja é, primeiro uma casta rural de pequenos lavradores proprietários; depois, uma aristocracia para a administração; e, acima de tudo, um filósofo-rei. “Não há exemplo de uma nação não prosperar quando os governantes são sábios”.

O *Novo Organon* – A maior realização de Bacon é o primeiro livro do “Novum Organum”. Quem quiser estudar lógica deve começar por este livro.

O grande erro dos filósofos gregos, diz Bacon, foi terem dedicado muito tempo à teoria e pouco à observação. Ora, o pensamento pode ser um auxiliar, mas não um substituto da observação.

Devemos recorrer à natureza e não a livros, tradições e autoridades. Necessitamos da indução. E, este método deve encerrar uma técnica para a classificação dos dados e eliminação das hipóteses, de modo que, com o cancelamento sucessivo de explicações possíveis, apenas sobre uma só.

A *Utopia da Ciência* - Atingida a perfeita ciência e, em seguida, a perfeita ordem social por meio de nosso domínio sobre a ciência, teríamos uma verdadeira Utopia. Tal é o mundo que Bacon nos descreve em seu breve fragmento e último trabalho “*A Nova Atlântida*”, publicado dois anos antes de sua morte, ocorrida a nove de abril de 1626.